



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



CULTURA  
ACADÊMICA  
*Editora*

# A reposição do árabe muçulmano como outro negativo externo do ocidente após o 11 de setembro de 2001:

apontamentos

Rodrigo dos Santos Alcantara

**Como citar:** ALCANTARA, R. S. A reposição do árabe muçulmano como outro negativo externo do ocidente após o 11 de setembro de 2001: apontamentos. *In:* DEO, A.; SARTORETTO, L. (org.). **Determinações do Mundo do Trabalho:** centralidade do trabalho, lutas sociais e crítica da economia política. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 285-298.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-11-8.p285-298>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# A REPOSIÇÃO DO ÁRABE MUÇULMANO COMO OUTRO NEGATIVO EXTERNO DO OCIDENTE APÓS O 11 DE SETEMBRO DE 2001: APONTAMENTOS

*Rodrigo dos Santos Alcantara*

## **A CONSTRUÇÃO DO IMPÉRIO UNIVERSAL DO OCIDENTE E A SUBALTERNIZAÇÃO DO ORIENTE, O OUTRO NEGATIVO EXTERNO**

Este trabalho tem como problemática central a hipótese de que houve uma reposição ideológica com características de salto qualitativo na representação do árabe muçulmano na consciência social<sup>1</sup> ocidental após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center e ao Pentágono.

Após aquele dia fatídico, em nossa hipótese, os professantes do islã, principalmente os oriundos do Oriente Médio, passaram a ser figurados como potenciais terroristas na consciência social ocidental, ou

---

<sup>1</sup> A consciência social para nós não é algo que está pairando no ar, supra-humano, como os idealistas difundem, mas “seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2014, p. 35).

seja, a ideologia<sup>2</sup> dominante, por meio do discurso midiático hegemônico, propaga a ideia de que os professantes de tal religião sempre estão na iminência de atacar o ocidente e destruir a sua sociabilidade interna através de atos extremamente cruéis e bárbaros, como atentados terroristas.

Portanto, essa representação do destruidor da sociabilidade interna é a reconfiguração da representação do outro negativo externo do ocidente através da construção de um discurso Ocidental que tem seu epicentro na Casa Branca e na grande Imprensa reproduzido na consciência social ocidental, assim, o signo terrorista encarna no árabe muçulmano refletindo e ao mesmo tempo refratando uma determinada realidade, que se reproduz na consciência social ocidental.

Essa forma de representação é bem antiga, ou seja, não é a primeira vez que uma pecha negativa recai sobre os árabes. Tal concepção esteve ligada a toda a forma reprodutiva do ocidente. Segundo Del Roio (1998), a gênese da dualidade entre ocidente e oriente remonta o séc. XI, quando houve a ruptura entre a Igreja de Roma e a Igreja Bizantina, o chamado Cisma do oriente. Após essa ruptura, a Igreja de Roma, na tentativa de estabilizar as convulsões sociais advindas da crise feudal por conta da explosão demográfica daquele século, e assim manter a coesão social, almeja se tornar única representante do ser universal, Deus, criando um projeto para o mundo que teve como objetivo a expansão pela “ilha de terra<sup>3</sup>” – a sua concepção de *Imperium Mundi*<sup>4</sup> - dando origem ao Império Universal do Ocidente<sup>5</sup>. Neste processo, a igreja tornou-se a própria cabeça articuladora<sup>6</sup> e reprodutora da visão ideológica de mundo ocidental no período do feudalismo, e assim se manteve até a entrada do ocidente na modernidade, quando o Estado-nação é quem cumprirá esse papel.

---

<sup>2</sup> Segundo Bakhtin/ Volóchinov: “a realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto das leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2014, p. 36). Assim, a ideologia precede a consciência. Seu material transmissor é a relação de troca interindividual entre sujeitos alocados em uma determinada realidade objetiva que subordina a subjetividade individual.

<sup>3</sup> Em sentido de mundo conhecido ou explorado.

<sup>4</sup> Império sobre o mundo ou controle sobre o mundo.

<sup>5</sup> O Império Universal do Ocidente foi vontade de expansão da doutrina da Igreja latina pelo mundo no modo de produção feudal que se traduziu na modernidade capitalista na necessidade de expansão do capital pelos quatro cantos do mundo, ou seja, a globalização ou mundialização do capital.

<sup>6</sup> Liderança ideológica.

Tal projeto para o mundo foi gênese de duas categorias vistas como negativas e inferiores pelo núcleo central ideológico do Império Universal do Ocidente e seu modo de produção e reprodução da vida material em cada momento histórico. Estes inferiores e negativos são: o outro negativo interno; e o outro negativo externo.

Adiantamos que sempre que houve uma mudança no modo de produção, também, houve uma mudança na esfera de reprodução ideológica, ou seja, se no modo de produção feudal a Igreja era a propulsora e reprodutora ideológica, no modo de produção capitalista é a concepção liberal de mundo que cumprirá esse papel de mantenedor ideológico. Ao mudar o modo de produção de feudalismo para capitalismo houve também a mudança no núcleo ideológico que passou da doutrina da Igreja de Roma para o liberalismo.

Com esta mudança, também houve a mudança nos negativos reproduzidos pelo Império Universal do Ocidente. Desta forma a primeira categoria, o outro negativo interno, foi identificada na história, dependendo do seu modo de produção e, conseqüentemente de seu núcleo ideológico, como a mulher, os homossexuais, o negro, o judeu, os doentes mentais, os leprosos, os servos, os escravos, o proletariado, entre outros. São os grupos subalternos internos do ocidente. Estes negativos devem ser “submetidos até o extermínio ou resignação, e ao qual por definição, é negado um autônomo protagonismo sócio-histórico” (DEL ROIO, 1998, p. 10).

Já a segunda categoria por nós apontada, o outro negativo externo, configura-se como “o mundo natural e grupos sócio-culturais alheios ou oponentes, que tem sua externalidade definida pela religião, pela forma de organização do poder ou pela racialização [...] do qual se deveria defender e depois dominar” (DEL ROIO, 1998, p. 10), portanto, o oriente subalternizado<sup>7</sup>. PAREI AQUI

Esta reprodução, do outro negativo externo, teve duas conseqüências que se reproduziram dialeticamente: a) para que ocidente pudesse definir a si mesmo como polo positivo, ou seja, ao construir a ideia de um outro negativo exterior, o ocidente pode caracterizar a si mesmo por meio de adjetivos positivos em contraposição ao oriente, com adjetivos negativos. b) para que o ocidente pudesse dominar povos identificados como exteriores e alcunhados de inferiores. Por isso Edward Said aponta

<sup>7</sup> Del Roio aponta que o outro negativo externo são dois: o Oriente que foi subalternizado e o mundo da natureza, que devia ser dominada e transformada de acordo com as necessidades da igreja.

que o “Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade, experiência contrastante” (SAID, 2007, p. 28).

Portanto, foi pela construção de um outro com adjetivos negativos – o oriente – que o ocidente se afirmou como o polo positivo de uma determinada dualidade: ocidente com características positivas versus oriente com características negativas. Tal dicotomia percorreu a história no último milênio, reproduzindo-se em diversas formas como: os que estão ao lado de Deus/ os que estão ao lado do Diabo; os que são do bem/os que são do mal; os esclarecidos/ os que permanecem nas trevas; o mundo democrático/ o mundo totalitário ou despótico; em suma ocidente/oriente.

Tais categorias estão presentes até os dias atuais e são muito perceptíveis em discursos de líderes e dirigentes do atual epicentro da construção do que chamamos aqui de Império Universal do Ocidente, os Estados Unidos da América (EUA), quando tratam do como é e do que é o Oriente Médio.

Desta forma, a ideia de um certo oriente “é uma parte integrante da civilização e da cultura *material* europeia” (SAID, 2007, p. 28). Para entender e subordinar povos vistos como orientais, o ocidente criou um corpo estruturado de ideias que se tornou conhecido como Orientalismo e que muitas vezes foi, e ainda é, respaldado e sustentado por discursos evolucionista e pseudocientífico<sup>8</sup>. O Orientalismo foi essencial nessa tarefa de subordinação e negação do oriente.

Porém, “O Orientalismo [...] não é uma visionária fantasia europeia sobre o oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que por muitas gerações, tem se feito um considerável investimento” (SAID, 2007, p. 33). Assim, o orientalismo reflete e ao mesmo tempo refrata uma determinada realidade material.

Gramsci aponta que “noções de ‘Oriente’ e ‘Ocidente’ são objetivamente reais ainda que, quando analisadas, demonstrem ser nada mais que convencional, isto é, ‘histórico-cultural” (GRAMSCI, 2014, p. 137), isto quer dizer que tais noções existem materialmente expressando diferenças culturais e geográficas, mas só existem porque expressam um produto de relações sociais entre seres sociais, não existindo sem ação dos homens.

---

<sup>8</sup> Caso notório é a Declaração Balfort de 1917 que foi base jurídica para ocupação Sionista da Palestina e constituição do Estado de Israel, que não levaram em conta os desejos e aspirações dos povos que viviam naquele local.

É evidente que Leste e Oeste são construções arbitrárias, convencionais, isto é, históricas, já que fora da história real qualquer ponto da terra é simultaneamente Leste e Oeste. Isto pode ser visto mais claramente pelo fato de que estes termos se cristalizam, não a partir do ponto de vista de um hipotético e melancólico homem em geral, mas do ponto de vista das classes cultas europeias, que através de sua hegemonia mundial, fizeram com que fossem aceitos por toda a parte. (GRAMSCI, 2014, p. 137).

### **A RECONFIGURAÇÃO DO IMPÉRIO UNIVERSAL DO OCIDENTE, DO OUTRO NEGATIVO INTERNO E DO OUTRO NEGATIVO EXTERNO NA MODERNIDADE CAPITALISTA**

Com o processo no ocidente que levou ao desencadeamento das revoluções burguesas de tipo clássica e a própria revolução do capital<sup>9</sup> – a revolução industrial – o capitalismo se torna o núcleo do Império Universal do Ocidente e o liberalismo seu núcleo ideológico. Conforme Marx, “impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda a parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte”. Assim, a vontade do ocidente em dominar e submeter aos seus desígnios tudo e todos na terra traduziu-se na própria necessidade do capital em se expandir por todo o mundo. Essa necessidade do capital acabou por colocar o oriente na dependência do ocidente (MARX, 2010, p. 44).

Desta forma, com as revoluções antes citadas e a burguesia agora como a classe dominante o outro negativo interno é figurado nos pobres e nos produtores diretos da vida material, o proletariado, ou, a classe trabalhadora em geral. A contradição fundamental da modernidade capitalista passa a ser a contradição entre capital e trabalho, ou seja, a classe trabalhadora, produtora direta da vida material passa a ser o produto contraditório da sociedade onde reina a o modo de produção capitalista.

Mas o oriente, na figura do árabe muçulmano, continuou sendo o outro negativo exterior e subalternizado, mesmo após a mudança do

---

<sup>9</sup> As revoluções que dão origem ao capitalismo foram divididas em dois tipos, para fins didáticos e de melhor entendimento do trabalho: o primeiro tipo são as revoluções que são as de tipo clássicas burguesas, sendo estas as revoluções Francesa, Inglesa e a Guerra de Independência dos Estados Unidos da América; já o segundo tipo é revolução do capital, ou seja, a revolução industrial, aquela que ainda é constante e até os dias de hoje.

modo de produção feudal para o modo de produção capitalista até que o materialismo científico proposto por Marx e Engels, na segunda metade do século XVIII, e a Revolução Russa em 1917, colocassem na história a possibilidade de mudança da Hegemonia Burguesa para uma Hegemonia Proletária. Somente a partir destes processos que ocorreram no oriente, a revolução Russa de Outubro é que o Império Universal do Ocidente, agora sob o desígnio do capitalismo, encontrou seu polo opositor de fato, seu Antípoda.

No período da Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra, o projeto socialista, materializado na União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS) inicia grande expansão pelo mundo, tomando metade do globo, ou boa parte do Leste do planeta. Tal fato levou o Império Universal do Ocidente a contra-atacar o projeto do oriente que pretendia romper com a subalternidade das classes e grupos explorados mundialmente.

O contra-ataque – antes citado – iniciou-se no momento em que a direção do Império Universal do Ocidente passa da Inglaterra aos EUA. Tal contra-ataque ficou conhecido como Guerra-Fria. Assim, a URSS passou a ser encarada como o Império do Mal. Durante este conflito os grandes ideólogos começam a propagar a ideia de que a “melhor solução para o conflito com os soviéticos estaria na ação militar” (FINGUERUT, 2008, p. 71). Essa é, em nossa visão, uma das razões porque os EUA construíram uma máquina de guerra tão sofisticada e complexa, não estando somente ligada aos atos próprios da guerra bélica, mas também à construção de uma guerra ideológica, que muito se materializou através do cinema<sup>10</sup>, por exemplo.

Outro momento de contra-ataque, e diretamente vinculado ao primeiro, a Guerra-Fria, foi a concessão e implementação do pacto fordista, ou, o também chamado pacto capital/trabalho que deu origem ao Estado de bem-estar social. Este pacto deu poder de barganha salarial aos sindicatos, controle sobre algumas especificações de tarefas no interior das fábricas, poder político sobre as questões de seguridade social e, com isso, conseguiu desestabilizar e reprimir os comunistas nos EUA e estabelecer “uma base aparentemente nova para as relações de classes conducentes ao

---

<sup>10</sup> Como exemplo, pode-se citar que cada corpo das forças armadas, e a própria CIA, investem em filmes em Hollywood. Vários filmes que são campeões de público como: TopGun; Pearl Harbor; e até Jurassic Park III, receberam dinheiro e equipamentos com o intuito de ajudar a divulgar os alistamentos militares. No caso do primeiro filme foram montadas bancas de alistamento na porta das salas de cinemas nos EUA (MENDES, 2009).

fordismo” (HARVEY, 1992, p. 127-128) e conseqüentemente ao Império Universal do Ocidente.

Entretanto, na década de 1970 o capitalismo entrou “em uma crise geral [...], que persiste até os dias de hoje, não obstante as tentativas de reestruturação do capitalismo. Essa crise seria social, política e econômica” (CORSI, 2003, p. 20). Para solucionar a crise, o capital aprofundou a financeirização da economia utilizando-se da acumulação via espoliação, tanto internamente, quanto externamente ao ocidente, na tentativa de restituir a taxa de lucro operando em uma lógica não territorial, ou seja, não atuando em um único país ou território.

Ao operar em uma lógica não territorial o capital tornou-se globalizado e com isso pode tanto transferir tanto Capital Fictício, bem como explorar de mão de obra para outras localidades que não o centro capitalista em busca de maior lucratividade. Geralmente os locais escolhidos para tais transferências têm mão de obra e os insumos mais baratos do que o restante do centro capitalista como China, Índia e Taiwan, México, entre outros, isto, pois, nunca passaram por um processo de constituição de Estado de Bem-estar Social. Nestes países o capital passa a operar pela acumulação via espoliação, ou seja, os capitais utilizam-se da expulsão de pequenos proprietários, privatização de terras, empresas e recursos públicos, e expansão do exército industrial de reserva para maximizar seus lucros. Ainda deve ser salientado que muitas vezes utiliza-se da exploração de mão de obra análoga à escravidão (HARVEY, 2014, p. 121-126).

Mas a saída através da financeirização e da acumulação via espoliação representaram problemas internos para o Império Universal do Ocidente. Para conseguir implementar tais medidas foi necessário iniciar o desmonte do Estado de Bem-estar Social, aumento do desemprego, e flexibilização dos contratos de trabalho, o que ocasiona uma piora na qualidade devida do outro negativo interno, podendo levá-los a inquietudes e revoltas. Tais problemas, revoltas e inquietudes, foram resolvidas através da canalização de suas contestações no quadro da Guerra-Fria, ou seja, criando a polarização do mundo capitalista e democrático *versus* mundo socialista e totalitário, onde supostamente seria melhor viver na democracia capitalista do que no totalitarismo socialista ou comunista.

Todavia, no final dos anos de 1980 e início de 1990 houve o esfacelamento da URSS, e com isso, esfacelou-se também qualquer

possibilidade de alteração no eixo de poder entre oriente e ocidente, ou seja, tornou-se improvável uma derrota do capital pelas forças socialistas no curto prazo. Tal fato, apesar de representar uma vitória ainda que momentânea das forças do capital colocou um problema objetivo para os EUA. Sua política como líder do ocidente havia sido até então pautada na construção ideária de um grande inimigo do Leste, que representava a encarnação do mal, na sua forma antidemocrática e totalitária. Sem um inimigo para combater, não fazia sentido um líder e por isso, era essencial repor o outro negativo externo.

Mas criar um inimigo desta magnitude não foi fácil. Foi necessário um evento que aglutinou três elementos ao mesmo tempo: o medo; a raiva; e as angustias do outro negativo interno a um elemento externo. Foi necessário canalizar as tensões da classe trabalhadora contra um elemento externo. Canalizar as angustias desta classe, que via a deterioração de sua qualidade de vida, por conta da financeirização e da flexibilização da economia. Por isso era imperativo que houvesse um evento que chocasse o mundo todo, ou seja, não somente os ocidentais, mas também aqueles a quem se devia combater. Foi preciso um novo Pearl Harbor<sup>11</sup>, que ocorreu em 11 de setembro de 2001.

## **O DIA QUE AINDA NÃO ACABOU: O FATÍDICO 11 DE SETEMBRO DE 2001**

A manhã do dia 11 de setembro de 2001 tornou-se um marco na história recente. Um dia em que muitas pessoas ao redor do mundo lembram, mesmo que vagamente, o que faziam no momento que diversos telejornais do mundo todo cortaram sua programação regular para noticiar, por volta das 08h46 em Nova York, 09h46 horário de Brasília, um fato marcante. Um avião Boeing 767 da empresa American Airlines com 92 pessoas a bordo colidiu contra uma das torres do complexo World Trade Center (WTC).

Contudo, aquele não foi o único fato marcante daquela fatídica manhã, às 9h03, 10h03 horário de Brasília, outro avião, desta vez um Boeing 767 da empresa United Airlines com 65 pessoas a bordo, colidiu com a segunda torre do WTC. As 9h43, as 10h43 horário de Brasília,

---

<sup>11</sup> A base estadunidense de Pearl Harbor, no Havaí, sofreu no ano de 1941, durante a segunda Guerra Mundial, bombardeio dos japoneses. Tal fato, diz a história oficial, fez com que os EUA entrassem na guerra em 1942.

outro Boeing 757 da empresa American Airlines com 64 pessoas a bordo, também atingiu com o Pentágono. Neste meio tempo, descobre-se que um quarto avião que saiu de Nova Jersey com destino à Califórnia, com 44 passageiros, caiu em um campo na Pensilvânia, porém tinha como alvo o Capitólio. Com todos esses fatos não restavam dúvidas, a nação mais poderosa do mundo passava por um ataque terrorista.

As emissoras de televisão do mundo todo mostraram repetidas vezes pessoas se jogando das janelas das torres do WTC em chamas<sup>12</sup>, cenas terríveis e extremamente chocantes. Mais de 3 mil vidas foram perdidas naquele evento. Osama Bin Laden, o mentor destes atos tão cruéis e inescrupuloso foi caçado em todo o mundo, e quando achado foi morto sem direito a julgamento. A Humilhação foi tal que pode ser feito paralelo com outra sofrida por outro império, o Império Romano, na Guerra dos Gladiadores apresentada por Max Beer:

Foi, então, que infligiu a Roma profunda humilhação. Organizou uma festa funerária em honra a Críxio e, nessa ocasião, fez com que 300 prisioneiros romanos combatessem como gladiadores, diante de todo o seu exército reunido. Os escravos desprezados eram agora os espectadores. E os orgulhosos romanos estavam agora como gladiadores. Nenhuma das humilhações que Roma sofreu na guerra dos gladiadores foi tão sentida como essa. A morte, como gladiadores, de 300 guerreiros romanos foi considerada a mais ignominiosa ofensa sofrida pela majestade romana, o mais intolerável insulto a sua honra. “Mensier diz a respeito [...] obrigar cidadãos romanos, prisioneiros, a se massacrarem mutuamente, era um crime até então desconhecido, um crime que nunca poderia passar pela cabeça de nenhum cidadão de Roma [...]”. (BEER, 2006, p. 100-101).

O evento – os atentados terroristas – mostrou-se tão importante e traumático para história mundial<sup>13</sup> que Octavio Ianni o compara a outros eventos de máxima importância para a história da humanidade, como a

---

<sup>12</sup> Estas imagens podem ser encontradas no minidocumentário intitulado “911 Jumpers 9/11 in 18 min. Plane Crashes World Trade Center Towers September 11 Terror FactVideo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8tgQ75GxAZk>. Acesso em 04 jan. 2017.

<sup>13</sup> Os EUA sofreram outros atentados terroristas, um inclusive teve como alvo o WTC no ano de 1993. Mas em nossa percepção somente os fatos de 11/9 possibilitaram um salto qualitativo, uma mudança da percepção da realidade do árabe muçulmano.

chegada de Colombo na América, a queda da Bastilha, a tomada do Palácio de Inverno pelo partido Bolchevique (2004, p. 223-224). Exagero ou não, este foi um episódio que ficou marcado na história recente da humanidade. Aqueles aviões, que foram utilizados como mísseis balísticos, atingiram não apenas prédios de concreto, mas grandes monumentos que representavam o poderio do Império Universal do Ocidente frente a todo o restante do mundo<sup>14</sup>. Foram instantes de terror que fizeram vir ao chão não apenas armações de concreto, mas produtos imbuídos de signos e significados.

Em um instante, no centro da maior potência mundial, dois de seus mais intocáveis símbolos são agredidos e desmoronam arruinados. Em um instante, o poder econômico e o poder militar, compreendendo o monopólio da exploração e o monopólio da violência, são postos em causa, deixando de ser intocáveis. São as duas das principais alavancas da supremacia das elites governantes e classes dominantes norte-americanas no mundo. Simbolizam as teias, redes ou sistemas com os quais essa elite e classes se associam com elites governantes e classes dominantes da maioria do mundo. Nesse sentido é que o mundo assiste fascinado, o desabar de dois pilares do neoliberalismo e do ocidentalismo, isto é, do capitalismo. (IANNI, 2004, p. 225).

O choque maior era que a fantasia televisiva apresentada pela *National Geographic* ou *Discovery Channel*, que acontecia somente no terceiro mundo até então, estava ocorrendo no centro do país mais poderoso do mundo, no coração do Império Universal do Ocidente. Segundo Slavoj Zizek:

Teríamos, portanto, de inverter a leitura padrão, segundo a qual as explosões do WTC seriam uma intrusão do Real que estilhaçou a nossa esfera ilusória: pelo contrário – antes do colapso do WTC, vivíamos nossa realidade vendo os horrores do Terceiro Mundo como algo que na verdade não fazia parte de nossa realidade social, como algo que (para nós) só existia como um fantasma espectral na tela do televisor –, o que aconteceu foi que, no dia 11 de setembro, esse fantasma da TV entrou na nossa realidade (SLAVOJ, 2003, p. 33).

---

<sup>14</sup> Os dois primeiros aviões tiveram como alvo duas torres de prédios comerciais que representavam o capital, a opulência do ocidente. O segundo foi lançado sobre o que é a representação da força militar do maior e mais poderoso exército do mundo.

Tanto os símbolos que vieram ao chão, o próprio ataque como ato, e a representação de outro negativo externo nos árabes como terroristas representam um significado ideológico, que é parte da realidade e ao mesmo tempo a refrata. Todos estes signos possuem, de uma maneira ou de outra, um valor semiótico.

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.* (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2014, p. 33).

Desta forma, todos os símbolos antes mencionados, trazem consigo um signo, algo de fora de sua realidade como objeto palpável, um algo ideológico, não sendo apenas prédios ou pessoas:

Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia.* Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia. (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2014, p. 31).

O 11 de setembro possibilitou a inversão da figuração do inimigo vigente durante a Guerra-fria, pois se antes o grande inimigo era um Estado, que poderia a qualquer momento atacar e destruir a sociabilidade interna, agora:

[...] esse inimigo não se identifica mais com nenhum Estado, não tem território e não estabelece nenhum tipo de complementaridade econômica com seu adversário. Aceitar sua existência, nessas condições significa entrar em uma guerra na qual os EUA definem, a cada momento e da forma mais convincente, que é onde está o rival, perpetuando uma guerra que será cada vez mais extensa (TEIXEIRA, 2007, p. 53 apud LEITE, 2013, p. 96).

Assim, salientamos anteriormente, com o advento do capitalismo e posteriormente com a Revolução Russa em 1917 e o socialismo, como uma perspectiva real, o polo opositor do ocidente, seu Antípoda, passa a ser a URSS e qualquer perspectiva de revolução socialista<sup>15</sup>. Todavia, o árabe muçulmano conservou as características iniciais negativas da dualidade, porém, tornaram-se latentes durante todo o século XX. Basta lembrar que durante a Guerra-Fria houve grande disputa pelos países do Oriente Médio, que muitas vezes eram vistos como potenciais aliados da URSS. Também se destaca que Osama Bin Laden foi produto deste conflito<sup>16</sup>.

Após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, a característica de outro negativo externo do ocidente volta a ser patente nos árabes. Ocorre que hoje os árabes professantes do islã não têm condições de apresentarem um projeto alternativo ao ocidente, ser seu Antípoda de fato, já que o Império Universal do Ocidente tem como centro da sua vida reprodutora o capital, assim, a ideologia do império universal do ocidente refrata a realidade. Tanto é assim que grandes países de maioria muçulmana estão estritamente integrados ao sistema capitalista, basta olhar para os países do Golfo Pérsico, principalmente a Arábia Saudita. Também podemos dizer que mesmo o Irã, inimigo declarado dos EUA, mantém e reproduzem relações capitalistas, sendo estes apenas alguns exemplos.

Mas o fato de não representarem mais uma alternativa ao capitalismo não impediu que o ocidente explorasse as características negativas que estavam latentes. A acusação do ocidente para com os árabes tornou-se a de que seus atos são de cunho religioso, portanto, são intolerantes e irracionais, escamoteando as discussões sobre as mazelas que o ocidente capitalista cria tanto internamente. Assim, o Império Universal do Ocidente conseguiu repor a ideia de o quanto é bom viver sob a égide da democracia burguesa e seu liberalismo egoísta frente à barbárie do Oriente Médio.

Para combater esse novo – e ao mesmo tempo velho – inimigo, com o discurso de levá-los a civilidade e tirá-los da barbárie, o ocidente criou um neologismo, a guerra ao terrorismo, também muitas vezes chamada de guerra ao terror. Com essa desculpa de guerra ao terrorismo houve ocupação

---

<sup>15</sup> Muitas vezes a perspectiva de aprofundamento das próprias demandas da sociedade burguesa como reforma agrária foram duramente reprimidas pelos EUA e outros países capitalistas. Vide as ditaduras militares na América Latina.

<sup>16</sup> Osama Bin Laden foi treinado pela CIA junto com outros para combater a URSS no Afeganistão na década de 1980. Esses ficaram conhecidos como *Mujahidin* (combatente).

e invasão do Afeganistão (outubro de 2001) e Iraque (março de 2003), também mais recentemente os EUA e seus aliados passaram a atuar na Síria. Mas a guerra antiterrorismo empreendida pelo ocidente é algo apenas retórico, pois “exceto como metáfora, não pode haver algo como ‘guerra ao terror’, ou ao ‘terrorismo’, mas apenas contra atores particulares que o empregam como tática, não como programa” (HOBSBAWN, 2007, p. 46).

Portanto, os discursos que prometem libertar o mundo do terrorismo, no qual líderes das maiores potências mundiais se engajam só traz o “medo irracional com o qual governos como os do presidente Bush e do primeiro-ministro Blair buscam justificar uma política imperial para o mundo” (HOBSBAWN, 2007, p. 46), assim, buscam justificar o Império Universal do Ocidente e o combate a barbárie do Oriente Médio reproduzindo um tipo de ideologia que reproduz no âmbito do discurso na consciência social ocidental uma nova forma de reconfiguração do outro negativo externo.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (VOLÓCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 16. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BEER, M. *História do Socialismo e das Lutas Sociais*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- CORSI, F. L. A economia brasileira na década de 1990: estagnação e vulnerabilidade externa. In: BATISTA, R. L; ARAÚJO, R. (org). *Desafios do Trabalho: capital e luta de classes*. Londrina: Práxis; Maringá: Massoni, 2003. p. 17-54.
- DEL ROIO, M. *O Império Universal e Seus Antípodas: a ocidentalização do mundo*. São Paulo: Ícone, 1998.
- FINGUERUT, A. *A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush*. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/98996>. Acesso em: 09 dez. 2016.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. v. 1.
- HARVEY, D. *A Condição Pós-Moderna*: São Paulo: Loyola, 1992.
- HARVEY, D. *O Novo Imperialismo*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- HOBSBAWN, E. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- IANNI, O. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- LEITE, L. A. B. *A Construção do Inimigo nos Discursos Presidenciais Norte-Americanos do Pós-Guerra Fria*. 2013. 129f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – UNESP/UNICAMP/PUC, São Paulo, 2013.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MENDES, J. M. *Pentágono e Hollywood: militares, cinema e televisão nos EUA*. Lisboa: OBSERVARE. Universidade Autónoma de Lisboa, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11144/1196>. Acessado em: 22 ago. 2016.
- SAID, W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SLAVOJ, Z. *Bem-Vindos ao Deserto do Real!: cinco ensaios selecionados sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. São Paulo: Boitempo, 2003. Disponível em: <http://lutasocialista.com.br/livros/V%C1RIOS/ZIZEK,%20Slavoj.%20Bem-Vindo%20Ao%20Deserto%20Do%20Real%21.pdf>. 12 dez. 2016.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:**

- ALVES, G. *Trabalho e Mundialização do Capital: a nova degradação do trabalho na era da globalização*. 2. ed. Londrina: Praxis, 1999.
- ANDERSON, P. *A Política Externa Norte-americana e Seus Teóricos*: São Paulo: Boitempo, 2015.
- DEL ROIO, M. A Mundialização Imperialista. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 11/12, p.36-46, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18695/pdf>. 15 out. 2016.
- GRUPPI, L. *Conceito de Hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- HARVEY, D. *O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- JALAL, A. *Combatentes de Alá: a Jihad no sul da Ásia*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MORAES, J. Q. O Movimento Nacional Palestino Perante a “Solução Final” Sionista. In: DEL ROIO, M. (org.) *Marxismo e Oriente: quando as periferias tornam-se os centros*. São Paulo: Icone; Marília, SP: Oficina Universitária da FFC – UNESP Marília, 2008. p. 201-240.
- PAULA, G. T. de. *Terrorismo: um conceito político*. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013. Disponível em: [http://www2.unifesp.br/ciencias\\_sociais/dissertacoes-defendidas-versao-final/guilherme-tadeu-de-paula](http://www2.unifesp.br/ciencias_sociais/dissertacoes-defendidas-versao-final/guilherme-tadeu-de-paula). Acesso em: 02 abr. 2016.